

Do Reitor da Universidade de Coimbra

Meu Senhor.—O Dr. Manoel Pereira Leal, Academico da Academia Real me entregou hũa carta de Vossa Excellencia e em execução do que nella se me ordenava lhe disse logo que estaria prompto todo o Cartorio da Universidade á sua disposição para nelle poder indagar os documentos conducentes ao Instituto da mesma Academia e nas horas que deixar livre a minha occupação o ajudarei nesta diligencia com grande vontade como pede a obrigação e desejo que tenho de servir a Sua Magestade que Deos guarde, á Real Academia e a Vossa Excellencia a quem Deos guarde. Coimbra 22 de Março de 1723.

As pinturas do dólmen do Padrão (Vandoma)

Em Junho de 1926 várias pessoas chamaram a minha atenção para o facto de se estar demolindo um dólmen sito entre Vandoma e Baltar, no concelho de Paredes, distrito do Pôrto. A gentil hospitalidade do meu distinto amigo, D.^{or} Augusto da Cunha Leal, de Paredes, logo me permitiu o ensejo de visitar o ameaçado monumento, o que fiz na sua companhia e na do S.^{or} Joaquim Ferreira Barbosa, do lugar da Chã de Vandoma, no dia 20 do referido mês. Também me acompanhou o S.^{or} Rui de Serpa Pinto, que voltou mais tarde ao local em nova visita e ao qual devo os desenhos que ilustram esta breve noticia.

O dólmen, já deploravelmente vandalizado, encontra-se no lugar do Padrão (Baltar), em terreno do S.^{or} Alberto Francisco dos Santos, à direita da estrada do Pôrto para Baltar, entre os quilómetros 25 e 26, a sul do marco que indica a última distancia. Não o separam da estrada muito mais de 150 metros. Há um grande *tumulus* (fig. 1), de cêrca de 15 metros de raio, com um círculo de pedras pequenas, sôltas, a meia altura, encontrando-se o megálito reduzido a restos de esteios e talvez da mesa (figs. 2-4). A entrada seria decerto a nascente, mas a poente foi cavado um fundo sulco longitudinal pelas pessoas occupadas na extracção da pedra, porventura já noutras datas mais ou menos remotas, para edificações nas vizinhanças. Vários esteios desapareceram e outros foram quebrados, alguns mesmo recentemente. Um dos maiores blocos que restam, talvez a mesa (fig. 4), mede, na sua maior dimensão, 3^m,40, tendo a espessura de 0^m,43,

da qual se aproximam as espessuras de dois esteios ($0^m,40$ a $0^m,42$), apresentando porém um fragmento com menos de meio metro de lado, a espessura máxima de $0^m,46$, o que denota como eram ingentes as pedras que formavam o monumento. Na impossibilidade de separar nitidamente a galeria e a câmara, medimos em conjunto o seu com-



Fig. 1. — A mamoa vista da base

Clichê do Au'or

primimento aproximado, obtendo o valor de $9^m,40$. A largura da câmara seria talvez de cerca de $3^m,80$ e a da galeria de 1 metro. Estes números mostram como era majestoso aquele megálito.

Entre as tradições populares ligadas ao dólmen figuram a inevitável lenda de tesouros escondidos e uma curiosa narrativa de que ali fôra enterrada a caixa do correio no tempo dos Franceses. O proprietário do terreno em que se encontra esta mamoa vive no lugar chamado Mamoa de Baltar, mas não sabe que haja lá qualquer mamoa.

Do dólmen do Padrão fala, na sua monografia de Paredes⁴, o S.^{or} D.^{or} José Correia Pacheco (José do Barreiro), a quem a exis-

⁴ José do Barreiro, *Monografia de Paredes* (correções e acrescentos), Porto 1924, p. 696.



Fig. 2. — Um aspecto do dólmen no seu estado actual

Cliché do Autor

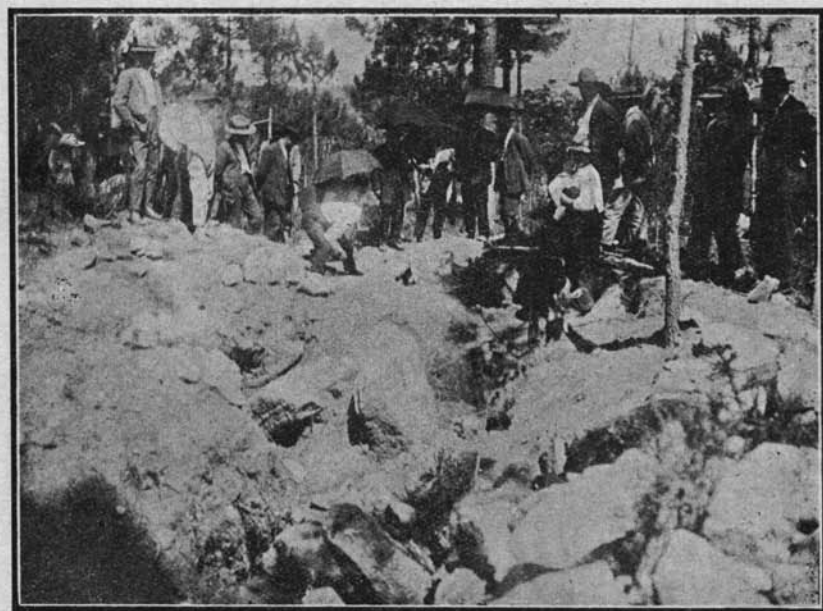


Fig. 3. — Outro aspecto do dólmen no seu estado actual

Cliché do Autor

tência desta jazida arqueológica foi comunicada pelo S.^{or} Ferreira Barbosa.

Ao examinar com atenção as pedras que restam dos vários atentados contra a integridade do monumento, atentados que me haviam

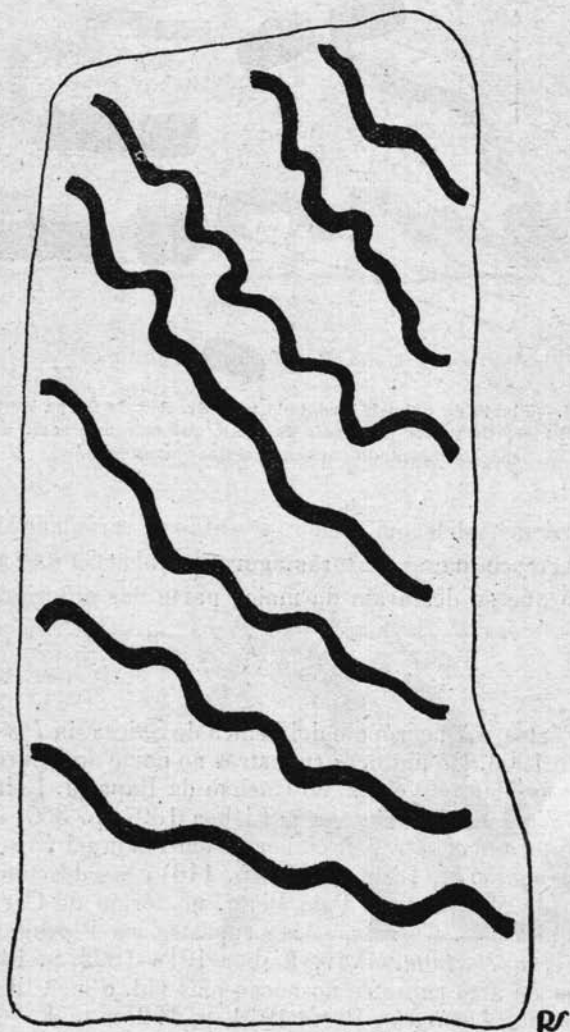


Fig. 5.—Esc. 1 : 10

dito irem renovar-se, descobri, depois de ter regado com água aqueles blocos, numerosas pinturas, a maior parte a vermelho e outras a negro, que nos permitem supor como êste dólmen seria rico em decorações picturais que o tornam comparável a outros monumen-

tos análogos do país, sobretudo da Beira Alta, e excepcional entre os dólmenes do norte do Douro, pois, destes, só a necrópole dolmênica de Salles (Trás-os-Montes) havia até a data fornecido documen-

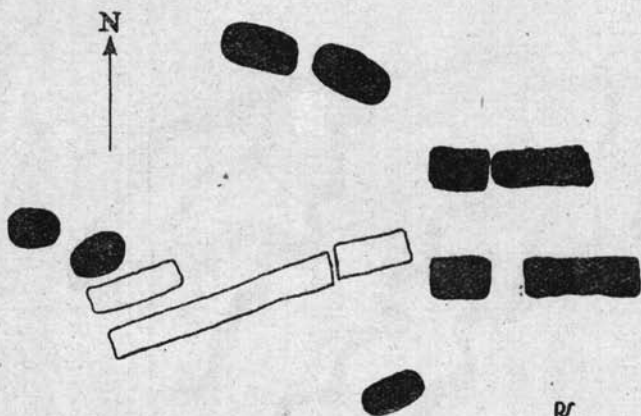


Fig. 4. — Planta do dólmen levantada pelo Sr. Rui de Serpa Pinto na esc. de 1 : 100. (Os restos prováveis da mesa, que caíram e estão a prumo, são representados apenas pelo seu contôrno).

tos dessa ordem¹, aliás em menor profusão e variedade do que os de Baltar. Acresce que as pinturas agora descobertas não são monocromáticas, no que se destacam da maior parte das anteriormente registadas².

¹ José Fortes, «A necrópole dolmênica de Sales», in *Portugalia*, I, fasc. 4, Pôrto 1903. De pinturas rupestres ao norte do Douro, mencionemos ainda as, desaparecidas, do Cachão da Rapa (J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, I, Lisboa 1897, p. 360; e Vergílio Correia, «Pinturas rupestres descobertas em Portugal no séc. XVIII», in *Terra Portuguesa*, I, Lisboa 1916, p. 116) e as descobertas pelo S.^{or} Horácio de Mesquita na Pala Pinta, no tôrmo de Carlão, Alijó (H. de Mesquita e V. Correia, «Arte rupestre em Portugal: A Pala Pinta», in *Terra Portuguesa*, IV, Lisboa 1918-1922, p. 145). Sobre a bibliografia da arte rupestre no nosso país vid. o meu livro *Os povos primitivos da Lusitania*, Pôrto 1924, p. 182, nota 1.

² As de Sales e da Pala Pinta são a vermelho. Pelo contrário, eram policromas as do Cachão da Rapa e são-no aquelas, de que demos notícia, da Serra de Côta, na Beira Alta (*Os povos primitivos da Lusitania*, cit., p. 182 sgs.). Do ídolo de Côta adiante referido publicaremos um novo desenho no trabalho *Nouveaux documents de l'art préhistorique en Portugal*, apresentado ao Congresso Internacional de Antropologia, de Amsterdam, em 1927.

A maioria das pinturas baltarenses consiste em linhas sinuosas, serpentiformes.

a) Um esteio que libertámos da terra que o envolvia, e o qual media $1^m,30$ de altura por $0^m,60$ de largura no meio, apresenta sete

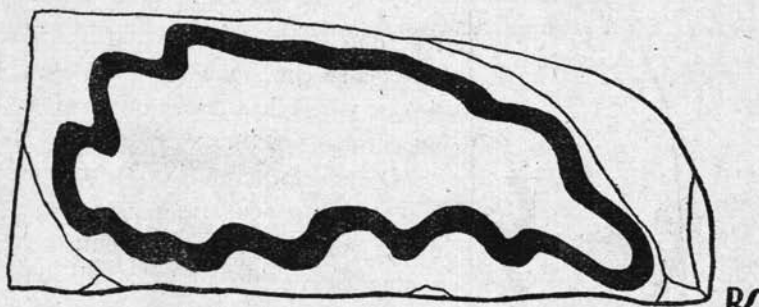


Fig. 7. — Esc. 1 : 5

traços vermelhos, sinuosos, dispostos mais ou menos obliquamente, alguns quasi horizontais (fig. 5);

b) Um fragmento com $0^m,85$ de altura apresenta três linhas serpentiformes, duas a vermelho e uma a negro, marginando inferiormente uma das outras (fig. 6);

c) Vi também três linhas sinuosas, duas em vermelho e outra a negro, sobre a face quasi quadrada dum outro bloco, a qual media

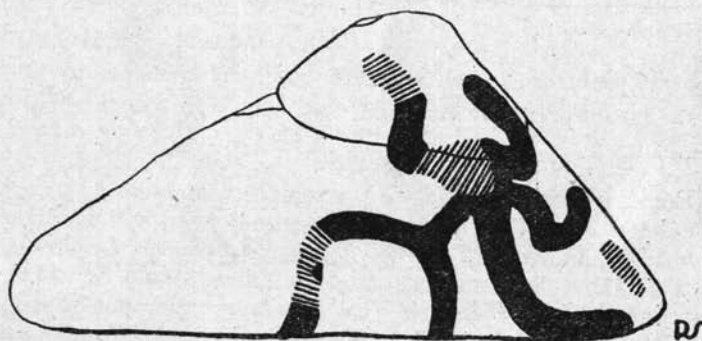


Fig. 9. — Esc. 1 : 5

pouco mais de $0^m,40$ de lado, tendo a pedra a espessura máxima de $0^m,46$;

d) Um pequeno fragmento de pedra, de que promovi a remessa para o Museu Antropológico da minha direcção, apresenta a vermelho um contôrno sinuoso alongado e irregular, que envolve uma pequena área na qual se encontra um traço rectilíneo longitudinal (fig. 7);

e) Um outro fragmento, que trouxe também para o Museu do Porto, contém a vermelho três linhas sinuosas e o esquema¹ da figura humana, vulgar na arte rupestre simplificada (fig. 8);

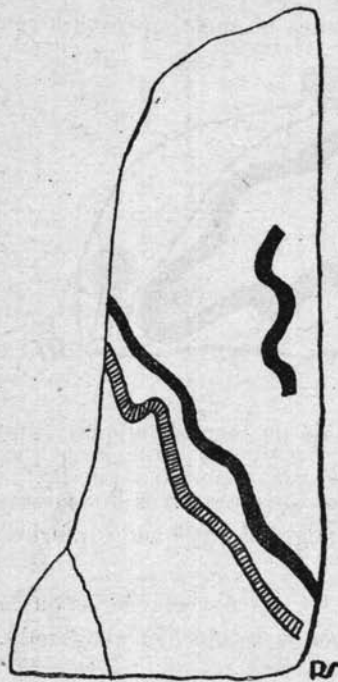


Fig. 6. — Esc. 1 : 10

f) Entre as peças mais interessantes, que foram cedidas para o Museu, destaca-se um pequeno bloco com seis linhas vermelhas mais ou menos convergentes (fig. 9).

O aspecto tentacular desta representação fez-me pensar no polvo, mas ela difere consideravelmente doutras representações consideradas do polvo², visto que lhe faltam a cabeça e os olhos e, além disso, os tentáculos não apresentam uma disposição regular. Por outro lado, dada a proveniência deste bloco dum outro muito maior, é de presumir que a pintura fôsse mais extensa e mais complexa. ¿Tratar-se-ia, por exemplo, do ídolo esquemático do neo-eneolítico?

O interesse especial destas descobertas está nos factos já apontados da raridade de pinturas megalíticas até hoje encontradas ao norte do Douro e no emprêgo de mais de uma côr. Não são também mono-

¹ Em Portugal vemo-lo, por exemplo, também numa pintura dum dólmen de Sátão (Beira), representada pelo S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos na fig. 112 do vol. I das *Religiões da Lusitania*, e na pintura da Orca dos Juncas também publicada pelo S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos em *L'Homme Préhistorique* e por nós reproduzida na fig. 10 de *Os povos primitivos da Lusitania*. Em Espanha aparece também com frequência (vid.: H. Breuil, «L'âge des cavernes et roches ornées de France et Espagne» in *Revue Archéologique*, t. XIX, Paris 1912, pp. 36 e 37; H. Obermaier, *Fossil man in Spain*, New-Haven 1924, est. XXI-A e XXI-B). Breuil encontrou-o ainda no abrigo de Valdejunco, Esperança, perto de Arronches, publicando-o na *Terra Portuguesa*, Lisboa 1917, p. 17 sgs. Reproduzimos igualmente nos *Povos Primitivos* (fig. 11) um dos *panneaux* do abrigo de Valdejunco, descobertos pelo arqueólogo francês.

² H. Breuil, «L'âge des cavernes», etc., *op. cit.*, fig. 34, 2.^a linha, representa «le soi-disant poulpe» de Jimena (Jaen).

romas as decorações picturais dum dólmen do Campo das Antas, perto de Sanguinhedo de Cõta (Beira Alta), cuja descrição dêmos noutros trabalhos nossos já citados. O dólmen de Baltar, sem apresentar o ídolo ricamente estilizado e as pinturas ramiformes dêsse dólmen, fornece, porém, além das linhas onduladas, que aparecem também naquele, as pinturas referidas nas alíneas *d* e *f* e o esquema

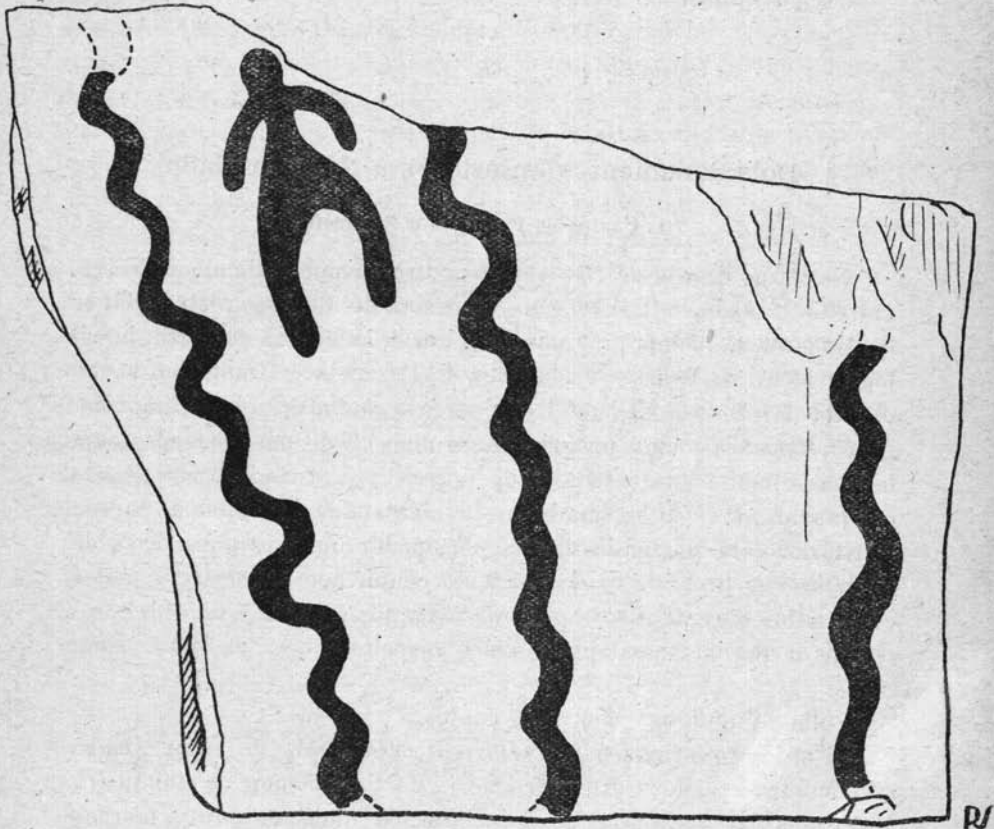


Fig. 8. — Esc. 1 : 5

da figura humana, mencionado na alínea *e*, pinturas que não se encontram no megálito beirão.

Vê-se que, como êste último, o dólmen do Padrão era profusamente decorado, sendo um e outro verdadeiras capelas mortuárias, em que o artista eneolítico representara em abundância, na sua arte esquemática e estilizada, os seus ídolos e os seus símbolos religiosos.

Pena é que o monumento de que nos estamos ocupando esteja reduzido a tam precárias ruínas. Congratulemo-nos, entretanto, pela

aquiescência do proprietário do terreno ao transporte dalguns pequenos fragmentos pintados para o Museu que dirijo, e pela boa disposição que mostrou perante as nossas instâncias para que se não renovassem os deploráveis atentados cometidos com a demolição do dólmen e com a transferência das suas pedras veneráveis para edificações modernas¹.

31 de Outubro de 1927.

A. A. MENDES CORREIA.

Dois documentos anteriores à Nacionalidade

Os Coutos de Paradela e Mazarefes

No termo da vila de Barcelos, e noutros tempos julgado de Neiva, entre o Cávado, o Douro e as serranias do Barroso, está o lugar de Mazarefes, que em eras passadas gozou as honras de couto: privilégios idênticos fruíram os lugares de Paradela e Crasto, no termo da vila de Ponte do Lima. Estas terras, coutadas pelo mesmo monarca, formaram uma propriedade e mais tarde um morgado, cuja história é muito interessante. Rendia onze mil cruzados, percebendo os quartos dos frutos, madeiras, e matos que se colhiam no seu território, com a regalia de ninguém poder neles levantar casa de sobrado sem licença dos senhores do couto, nem fazer lagar, antes eram todos obrigados a ir pisar as uvas aos seus.

Eis o que pudemos apurar a seu respeito.

Velhos e antigos eram estes coutos.

Já no livro primeiro das *Honras e Devassas de Alem Douro* se encontra escrito: «Item freguezia de Sam Simon de Junqueira Mazarefes he provado que he couto de antaltares, per marcos e per divisões»², mas tam antigo já era o couto, que se perdera porventura a memória da sua instituição, o que fazia os *enqueredores* dizerem: «maes nom dizem quem nõ contou nem quem lho deu ...». As inquirições que o rei bolonhês mandou fazer em 1258 também nada adiantam sôbre o assunto: «Item in couto sancti

¹ Démos a primeira notícia destes achados de Vandoma na *Aguia*, (Pôrto 1926), sob o título de «Arte prehistórica no distrito do Pôrto».

² Livro 1 das *Honras e Devassas de alem Douro*, fl. 93.